



DISSECADOR DA CONDIÇÃO HUMANA

(O absurdo mundo invisível e a dor)

Rubens Shirassu Júnior

Ronaldo Cagiano produz contos curtos, escritos em linguagem tão concisa e fluente que, muitas vezes, chega a (ser) fusão de estilos: seu caminho vai do conto para o poema em prosa e, dele, para o fluxo de consciência. Seu estilo é direto e ágil, e suas narrativas apresentam os dramas de pessoas que se movem entre as expectativas de felicidade e realização que aprenderam a alimentar e a realidade crua e desumana, que as frustram e aniquilam. As relações humanas que apresenta comprovam que a realidade é degradada e cruel: as pessoas se maltratam e se ferem em vez de manter, no cotidiano, vínculos de carinho e respeito. Assim, marido e mulher estão sempre em conflito, pais e mães oprimem os filhos, amigos se confrontam e disputam o poder... Uma odisséia da degeneração feroz onde misturam as influências de Rubem Fonseca, Luiz Vilela, Dalton Trevisan, Nelson Rodrigues, Caio Fernando Abreu e o realismo fantástico de Franz Kafka e Gabriel García Márquez. Sua escrita sintética, fotográfica de um mundo invisível e contundente, pode ser considerada uma referência constante no trabalho de pesquisa de muitos estudiosos recentemente surgidos, como um pintor realista da Geração 90.

O tradutor das paixões e delírios das cidades

Cagiano ambienta seus contos nas cidades reconstituídas pela análise com o filtro da paixão e da literatura, São Paulo torna-se tão mítica quanto a Macondo, de *Cem Anos de Solidão*, de García Márquez. Por seu discurso denso, cortante, sua prosa transforma-se num jorro deixando aflorar a dor e a solidão que devoram a alma de prostitutas, funcionários esmagados pela rotina



do ambiente de trabalho, filhos ressentidos, tipos paranóicos, suicidas, ou seja, aqueles personagens que vagam perdidos, à deriva, do rio da existência, que não encontram sentido em navegar de encontro à turbina da usina da sociedade, que dilacera e destrói com a violência do seu preconceito e alienação. Ele lança as suas personagens um olhar cúmplice e generoso, utilizando uma linguagem de extrema beleza poética, expondo e ampliando ainda mais esse universo de sentimentos em carne viva, como o sangue e a carne dão vida e autenticidade ao poema em prosa. Uma nova realidade, pois o mundo havia se tornado tão obscuro, tão insolúvel, que ele fez uma construção literária para dar conta literariamente daquilo.

O conto que abre o livro sobre o abuso sexual de uma criança, transforma-se num texto pesado e tocante, “cuja narrativa, em primeira pessoa, deixa vazar todo o ressentimento e o nojo que povoam a memória da personagem vítima do abuso (do livro *Concerto para Arranha-Céus*). *Eu já tinha vinte e tantos anos e a única imagem que me po-*

voava a mente com pavor e abjeção era aquele homúnculo, coxo, reles, vil, desparecendo no quintal de casa como se nada tivesse acontecido...” É para dentro do universo psicológico dessa personagem, cuja vida foi arruinada pela violência, que Cagiano nos arrasta como numa enchente: a narrativa, delirante, - um jorro contido apenas por vírgulas - dá-nos a real dimensão do estado de choque e rancor em que se encontra a personagem.” – con-

forme comenta o escritor Geraldo Lima.

Todos esses locais verdadeiros ou imaginários, esses personagens como signos em rotação urbana, fazem parte do labirinto dessas metrópoles, incansavelmente percorridas por seus personagens solitários e outros que se sentem estrangeiros, ou inadaptados, de sensualidade e carência à flor da pele, durante as noites urbanas. Desse modo, as frias capitais de São Paulo e Brasília se transformam em um espaço de paixões abrasadoras. Por meio de uma prosa límpida, oriunda da linguagem de protocolo, se percebe haver afinidades estilísticas com Kafka, quando narrou o insólito, como a terrível metamorfose sofrida por Gregor Samsa, de *“A Metamorfose”*. Esta é uma característica definitiva em sua obra: a colisão entre a clareza absoluta da linguagem e o assunto opaco.

Rubens Shirassu Júnior, escritor, publicitário, crítico e ensaísta, é autor de *Cobra de vidro, Muito Machado na Cozinha e Oriente-se – Manual de sobrevivência no Japão*, mora em Presidente Prudente-SP.

Uma boa prosa no banco da Praça José Bonifácio

Rosani Abou Adal

Infelizmente tem notícia que chega tardiamente de Piracicaba. Não acreditei quando, ao entrar no site da Academia Piracicabana de Letras, li (in memoriam) ao lado do nome de Antonio Henrique de Carvalho Cocenza. Fiquei chocada. Pesquisei na internet e li as notícias do seu falecimento, ocorrido no dia 30 de dezembro de 2010, vítima de uma parada cardíaca.

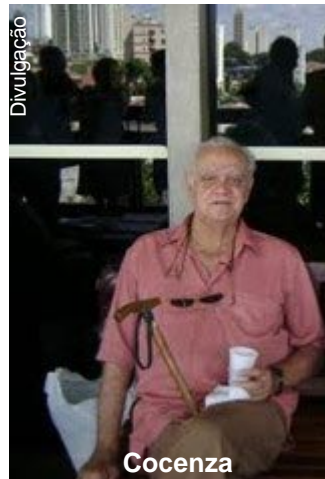
Conheci Cocenza na primeira vez que estive em Piracicaba, quando me foi apresentado por Adriano Nogueira. Quantos encontros no Brasserie, no Mirante, nas ruas do centro e quantas visitas que fizemos ao seu escritório.

Cocenza faleceu aos 73 anos e foi enterrado em Cristina (MG) - sua terra-natal. Graduado em Letras, Direito e Farmácia e pós-graduado em Metodologia do Trabalho Científico, Semiótica, Teoria Literária, Teoria Linguística e Semântica na Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), onde lecionou por vários anos. Exerceu o cargo de presidente da Academia Piracicabana de Letras (cadeira nº 4 - Patrono: Haldumont Nobre Ferraz) e foi membro do Clube dos Escritores de Piracicaba, do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba e da OAB. Escritor, cronista, colaborou em jornais de Piracicaba. Foi agraciado com o título de Cidadão Piracicabano pelos serviços prestados no ensino de Piracicaba, por mais de 40 anos. Autor de *Escrevi Antes Que Me Esqueça*, *Bau Velho Um Relicário de Saudades*, entre outras obras.

Gostava de uma boa prosa e criou uma associação informal, a Vesp - Velhos Esclerosados Sentados na Praça -, com sede num banco da Praça José Bonifácio.

A última vez que vi Cocenza foi no SESC Piracicaba, no evento em comemoração aos 20 anos do jornal e, também, em homenagem aos 5 anos de falecimento de Adriano Nogueira. Lá estava ele, bengala na mão, e disse: "não poderia deixar de saudar o nosso amigo e lhe dar o meu abraço."

Guardarei para sempre na memória todos os causos e histórias que me contou. Cocenza, meu amigo, deixa, aqui, o meu silêncio e o meu abraço.



Divulgação

Cocenza

A palavra e o sonho

Rodolfo Konder

As palavras escritas frequentemente escoiceiam as verdades oficiais, como cavalos alados. Mordem os torturadores, atacam os corruptos e os burocratas, conduzidas pela ética de quem as organiza. Além disso, elas nos fazem sonhar; abrem portas, janelas, cofres, alçapões e caixas de Pandora; permitem que as flores nasçam em pleno asfalto; transformam o naufrágio da velhice num tempo de ventura, quando restam apenas "O homem e a alma". As palavras escritas nos levam a Dinamarca ou nos transportam sobre as águas geladas do Báltico; percorrem conosco as veredas do Central Park, cobertas pelas folhas mortas de um outono tardio; hospedam-nos num maravilhoso castelo do século 14, em West Sussex, junto a um cemitério; revelam-nos os mistérios dos maias e dos tehotihuacanos, dos toltecas e dos babilônios, dos minóicos e dos astecas; descem suavemente com a neve sobre os vivos e os mortos; desvendam os segredos do passado – "este quimérico museu de formas inconstantes" – e antecipam as vertigens do futuro; iluminam Paris e Jerusalém; despertam paixões, resuscitam os mortos e desafiam os poderosos. Elas são mágicas e possuem poderes ilimitados, orientadas pela estética de quem as organiza.

Há pessoas que sonham – e vão buscar nas palavras o meio de manifestar seus sonhos. Num delicado trabalho de ourivesaria, elas selecionam frases, fazem o polimento das concordâncias, montam parágrafos, para provocar emoções e despertar a imaginação dos seus leitores. Esses misteriosos seres, solitários e eternamente insatisfeitos, são chamados *escritores*. Este ano, eles estarão presentes, pessoalmente ou por intermédio dos seus textos, em dois grandes encontros, no Brasil: a Bial do Livro, no Rio de Janeiro, e o Congresso Brasileiro de Escritores.

Os escritores geralmente não sabem administrar bens nem lidar com dinheiro, não entendem de política cambial nem de juros acumulados. Às vezes, sofrem de insônia, pressão alta e enxaqueca. Vivem acoçados pela insegurança será que o meu livro vai fazer sucesso? Ficará enalçado? Você gostou do texto? Temem sempre os críticos, a rejeição dos leitores e, em certos países sombrios, a espada cega e implacável da censura. Mas essas criaturas de apa-

rência frágil tornam a vida muito mais intensa, fazem das palavras um instrumento de magia, distribuem sonhos e emoções.

Os regimes autoritários sempre odeiam quem escreve. Na América Latina, por exemplo, poetas, romancistas, críticos e jornalistas foram perseguidos, durante os chamados "anos de chumbo". Nos países socialistas também, porque as "ditaduras do proletariado" temiam os escritores e o poder desarmado de suas palavras. Até hoje, isso acontece em Cuba, no Marrocos, na Líbia, no Iraque, no Afeganistão, na China e em outras nações que ainda não se encontraram com a democracia.

Muitas vezes os escritores acabam na prisão. Mas a cadeia não é o único mal que se abate sobre eles. Há processos variados de intimidação, ameaças, isolamento, desemprego. Há também a censura, que os brasileiros já conheceram em diversos períodos da vida nacional. Durante a ditadura de Getúlio Vargas – o período conhecido como "Estado Novo" –, tivemos um inesquecível exemplo da ação dos censores. Depois do golpe militar de 1964, também fomos obrigados a conviver com a censura, que se abateu sobre o País como uma praga, brandindo sua ignorância e sua truculência de forma implacável.

Apesar de todos esses problemas, apesar de tantos obstáculos, os escritores escrevem. São teimosos, quase obstinados. Escrevem sempre, mesmo na penumbra. Até na escuridão, escrevem e nos iluminam. Com o seu ofício, eles nos ensinam, nos enternecem, nos emocionam, nos humanizam, nos aprimoram. E nos fazem sonhar.

Num tempo já quase esquecido e tornado mítico, William Shakespeare escreveu: "Somos feitos da mesma matéria de que são feitos os sonhos." O sonho, portanto, é o nosso ponto de partida – e o nosso ponto de chegada. Talvez até nos acompanhe na viagem derradeira ao outro lado do tempo. "Morrer, dormir, quem sabe, sonhar..." sugeriu o próprio Shakespeare, um escritor que, mesmo morto, ainda nos oferece sonhos fantásticos, com seus textos imortais.

Rodolfo Konder é jornalista, diretor da ABI - Associação Brasileira de Imprensa - em São Paulo e membro do Conselho Municipal de Educação.

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal - Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 - CCM: 96954744 - I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*
R Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - www.xavi.com.br

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.



BALCÃO DE CLASSIFICADOS

Hernâni Donato

- O senhor escreve o anúncio para mim?
 - Vá ditando. Seja rápido.
 - Perdido, vírgula, procura-se. Está bom como título?
 - Uhn, uhn!
 - Puxa! O senhor não é muito estimulante, sabe? Não se emociona com os apelos dos anúncios?
 - Putz! Todos os dias desaparecidos são procurados.
 - É..., do seu lado, tem razão. Mas a gente que...
 - Continuamos? Olhe a fila aí atrás. Todos procuram alguma coisa.
 - Continuamos. Então, vá lá. Perdido, vírgula, procura-se... é como está, não é? Agora o texto: está desaparecido... Nãããooo... Talvez devesse dizer que se gratifica a quem souber informar o paradeiro... Não acha?
 - Acho e não acho, o senhor é quem manda.
 - Ihiii... estou indeciso. Sabe? Não me acostumo à idéia de que...
 - Bem, então riscamos o já escrito e o senhor volta amanhã com...
 - Não, não! Por favor. Não posso esperar nem mais um dia. Não posso mesmo. Não faça essa cara de surpresa.
 - Claro que estou. Desesperados à procura de desaparecidos é coisa comum. Mas desespero assim...! Bem, essas são coisas suas. Se quiser vamos continuar. Gratifi-

ca-se bem a quem souber o paradeiro de... De quem, afinal, esse paradeiro?

- Melhor dizer... não, por favor, não se inquiete, é melhor dizer gratifica-se bem a quem souber do meu paradeiro. Só isso! Depois, o meu nome. Não fica bem assim?! Por que essa boca aberta?

- Como é que é?! Escute aqui, seu...

- Por favor, já lhe pedi. Não se aborreça comigo. Agora vejo bem claro como o anúncio. Vá lá: Perdido, vírgula, procura-se. É o título. Em seguida, em letras grandes o texto, assim: Gratifico bem a quem souber o meu paradeiro...

- Do meu paradeiro?! Isso é doidice ou está brincando? Não tenho tempo para...

- Não, não, meu caro. É a lucidez mais completa que ouviu nesse balcão. Ahhh! Mude todo o escrito. Ouça o meu anúncio: título – Perdido procura quem o encontre. Texto: se houver quem saiba o que fazer de mim, homem comum, formação comum, ambições comuns, necessidades comuns, perdido dos outros dentro de mim, que me encontre. Ouviu? Escreveu? Será que posso terminar com um apelo?

- Por favor, gente, me encontrem, por favor!

- Será que posso?

Hernâni Donato é membro da Academia Paulista de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

CLÓVIS GRACIANO

Paulo Bomfim

Na parede do apartamento ancorado na Rua Peixoto Gomide, cinco bandeirantes emergem do passado.

Os desenhos de Clóvis Graciano, tatuados de roteiros e martírios, voltam de périplos de assombro à procura dos pousos soterrados no tempo.

Magicamente, habitam meu "Armorial" que ilustraram em 1957.

Outros pintaram o bandeirismo, mas ninguém alcançou sua linguagem histórica e espiritual com a dramaticidade de Clóvis Graciano.

O tema, nas mãos do pintor, pulsa com febre das descobertas e delira em jornadas aos sertões do nunca mais.

Graciano, pintor e desenhista, retrata a alma de um povo com mártires ressurgidos das trincheiras de 32, músicos que tocam o azul do espaço, bailarinos intérpretes da música das marés e operários densos de porvir. Nele a leveza do gesto se casa com a descoberta do onírico engastado nas coisas simples.

Profundo conhecedor da história paulista, mergulha com o traço inovador no painel da alvorada de Piratininga, trazendo para o convívio de hoje o toque de nostalgia de grandezas perdidas nas furnas do olvido.

A genialidade do artista invoca heróis anônimos nascidos com perfil de epopéia.

Escrever sobre ele torna-se difícil, pois, impossível separar o artista do homem.

A originalidade de um confunde-se com a simplicidade de outro.

Foi dos seres mais autênticos que conheci. Nele se encarnam as virtudes pictóricas do Grupo Santa Helena e a fraternidade das madrugadas de outrora.

Sua casa era o coração do mundo, seu atelier a transfiguração desse universo.

Passando pela Praça Vilaboim ou pela Barra do Sahy, no litoral norte, tenho a nítida certeza que Clóvis me espera para brindarmos juntos à noite, ainda uma criança, que brinca dentro da moldura do Clubinho dos Artistas.

Paulo Bomfim é poeta e membro da Academia Paulista de Letras.

Vestibular & Concursos



Sonia Adal da Costa

1- Assinale a alternativa correta:

- a) Aluga-se lojas.
- b) Precisam-se de empregados.
- c) Plastificam-se documentos.
- d) Vende-se casas.
- e) Nenhuma das alternativas.

Resposta: C

O pronome apassivador se deve concordar com o sujeito da oração, portanto nas alternativas A e D o verbo deveria estar no plural.

Na alternativa B o verbo deveria estar no singular, pois o

se é índice de indeterminação do sujeito.

2- Assinale a alternativa que tenha erro de concordância:

- a) Hoje sou eu quem paga a conta.
- b) Havia muitos ladrões ali.
- c) Os Estados Unidos são uma potência.
- d) Fazem seis anos que moro aqui.
- e) Bateram seis horas no relógio da matriz.

Resposta: D

O verbo fazer, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto deveria estar no singular.

Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em Teatro Infanto-Juvenil pela Universidade de São Paulo. portsonia@ig.com.br



Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 60,00

Assinatura Semestral: R\$ 30,00

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Depósito: Banco Itaú - Rosani Abou Adal ME - agência: 0211- conta: 67518-6 - CNPJ: 61.831.012/0001-52

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902 São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Gumercindo Rocha Dorea

Victor Emanuel Vilela Barbuy

Editor, escritor e jornalista, Gumercindo Rocha Dorea nasceu em Ilhéus, Bahia, a 4 de agosto de 1924, sendo filho do cacauicultor e sindicalista Alcino da Costa Dorea e de D. Emérita da Rocha Dorea, compositora de sonetos e colaboradora esporádica em periódicos de Sergipe, sua terra-natal. Em 1934 se mudou, com a família, para a Cidade do Salvador, ali ingressando no Ginásio da Bahia, onde foi aluno do filólogo Herbert Parentes Fortes, um dos principais intelectuais e líderes da Ação Integralista Brasileira (AIB) na Bahia, sendo importante ressaltar que a AIB reuniu, na expressão de Gerardo Mello Mourão, o “mais fascinante grupo da inteligência do País”¹, ou, como diria Miguel Reale, “o que havia de mais fino na intelectualidade da época”².

Em 1944, Gumercindo Rocha Dorea, que frequentara, na Bahia, o curso complementar de Direito, se mudou para o Rio de Janeiro. Na então Capital Federal, se tornou responsável, em 1946, pela página literária do jornal *A Marcha*, que mais tarde dirigiria e que se constituía em veículo de propaganda do Partido de Representação Popular (PRP), que, sob a presidência de Plínio Salgado, reunia sobretudo ex-integrantes da extinta AIB. Em 1948, se formou em Direito pela Faculdade Católica de Direito do Rio de Janeiro. Após a grande repercussão do I Congresso de Estudantes do PRP, realizado em Campinas (SP) naquele mesmo ano, foi constituída, em 1952, a Confederação Nacional dos Centros Culturais da Juventude, cuja presidência coube a GRD, que então já tinha ótimo relacionamento com Plínio Salgado e estava em permanente contato com os jovens. A Confederação Nacional dos Centros Culturais da Juventude, de que nasceria o denominado Movimento Águia Branca, elegeria Plínio Salgado seu Presidente de Honra, e reuniria milhares de jovens distribuídos em centenas de núcleos espalhados por todo o País.

No ano de 1956, Gumercindo Rocha Dorea fundou as Edições GRD, que teriam seu apogeu na década de 60 e que renovariam toda a Literatura brasileira, lançando autores hoje consagrados como Nélida Piñon, Rubem Fonseca, José Alcides Pinto, Astrid Cabral, Fausto Cunha, Maria Alice Barroso, André Carneiro, Ronaldo Moreira, Geraldo França de Lima e, no romance, com a obra *O valete de espadas*, Gerardo Mello Mourão, que também publicou a maior parte de seus livros

de poesias pela GRD. Pode-se afirmar, assim, que Gumercindo Rocha Dorea foi um descobridor de vultos literários tão somente comparável, no Brasil, a Augusto Frederico Schmidt e a José Olympio.

Foi ainda em 1956 que GRD se casou com D. Augusta Garcia Rocha Dorea, falecida em 2005 e autora das obras *O romance de Plínio Salgado* (1956, com segunda edição publicada em 1978 sob o título *O romance modernista de Plínio Salgado*), *Aclimação* (publicada pela Secretaria de Cultura do Município de São Paulo em 1982, fazendo parte da série *História dos bairros de São Paulo*) e *Plínio Salgado, um apóstolo brasileiro em terras de Portugal e Espanha* (1999), agraciada com o Prêmio Clio da Academia Paulistana de História no ano 2000, além de organizadora da obra *O pensamento revolucionário de Plínio Salgado*, magnífica antologia do pensamento do autor da *Vida de Jesus*, de quem, aliás, GRD publicou diversas obras, bem como a biografia escrita pela filha do escritor e pensador patricio, Maria Amélia Salgado Loureiro, intitulada *Plínio Salgado, meu pai*.

Verdadeiro lançador da ficção científica no Brasil, GRD editou, em 1960, a obra *Eles herdarão a terra*, de Dinah Silveira de Queiroz e, em 1961, a primeira *Antologia Brasileira de Ficção Científica*, com textos de Dinah Silveira de Queiroz, Antonio Olinto, Rachel de Queiroz e Fausto Cunha, dentre outros. Ademais, GRD tem sido, depois da Editora Biblioteca do Exército, o principal editor, no País, de obras sobre geopolítica e voltadas à segurança nacional. A publicação, em 1986, do livro *Heráldica*, de Luiz Marques Poliano, lhe confere o título de primeiro editor, no Brasil, a publicar uma obra de vulto dedicada aos estudos heráldicos. Por fim, o infatigável GRD tem sido um dos mais destacados editores em matéria de publicações filosóficas e históricas, bem como referentes à Monarquia e ao Império do Brasil, e o mais destacado na publicação de obras integralistas ou referentes ao Integralismo, havendo sido, na década de 1950, o idealizador e principal realizador da *Enciclopédia do Integralismo*.

Ao lançar, pela primeira vez no Brasil, sob o título de *A dignidade do Homem*, famosa obra de Pico della Mirandola, recebeu GRD as seguintes palavras de Gilberto de Mello Kujawski, na obra *O signo de sagitário*:

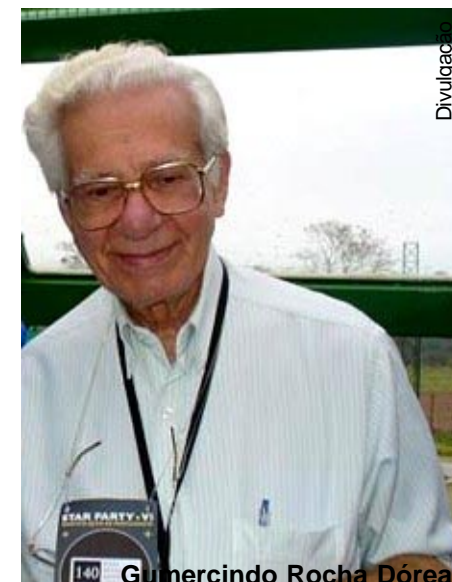
“Por incrível que pareça, o texto não interessou a nenhuma grande editora. Foi preciso que um pequeno editor, GRD, dos menos abonados, ao mesmo tempo que dos mais dispostos e vocacionados à difusão da cultura,

fizesse de lançar em português a obra-prima”³.

Em 2002 foi lançada a obra *Ora, direis... Ouvir “orelhas” que falam de livros, homens e ideias*, com prefácio de Hernâni Donato, reunindo diversos dos significativos textos publicados nas “orelhas” dos títulos por ele editados desde o início de sua carreira editorial até então. Em tal obra temos, no dizer de Donato, “um GRD crítico, um espiroto cronista, um ponderado historiógrafo, o cidadão GRD motivado por valores sociais e a responsabilidade do intelectual, um GRD dono de impulsos poéticos”⁴. E, como ressalta Odilon Nogueira de Matos em artigo publicado no jornal *A Federação*, de Itu (SP), a 11 de janeiro de 2003, Hernâni Donato, “admitindo que nunca se fez coisa igual – um livro construído de orelhas – reconhece (...) que só um Gumercindo Rocha Dorea poderia produzir obra semelhante, literariamente correta, extremamente correta, extremamente perfeita e significativa”.

Após muitos anos em que sua atuação editorial sofreu o boicote de noticiários em virtude de sua posição filosófico-política, GRD, “o mais injustiçado dos editores”, na expressão de Antônio Olinto⁵, teve o contentamento de ressurgir por meio da revista *Bravo*, de outubro do ano passado, que reconheceu sua importância como editor, e também do prefácio de Sérgio Augusto a *Os prisioneiros*, obra de Rubem Fonseca originalmente publicada por GRD e agora relançada pela Agir, onde se reconhece o papel do editor baiano como descobridor do consagrado contista e romancista.

GRD ocupou, entre os anos de 1964 e 1967, o cargo de Diretor da Superintendência de Turismo da Cidade do Salvador, dirigiu, durante algum tempo, a revista *Convívio*, da Convívio – Sociedade Brasileira de Cultura, que tinha sede em São Paulo, cidade em que vem residindo, salvo por breves períodos, desde 1972. Foi coordenador editorial da *Biblioteca do Pensamento Brasileiro*, publicada pela Convívio, bem como do Centro Editorial das Faculdades Integradas de Guarulhos e da Editora Voz do Oeste e da Editora Universitária Champagnat da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.



Gumercindo Rocha Dorea

No último dia 08 de abril, GRD foi agraciado com a Comenda da Cruz da Ordem do Mérito Cívico e Cultural, outorgada pela Sociedade Brasileira de Heráldica e Medalhística e oficializada pelo Governo da República Federativa do Brasil, em cerimônia realizada no *Circolo Italiano* de São Paulo.

Seja esta nossa singela homenagem ao grande brasileiro que é Gumercindo Rocha Dorea. Que ele continue promovendo a Cultura em nosso País e, como tem feito em todos esses anos, influenciando novos editores, escritores e jornalistas.

¹MOURÃO, Gerardo Mello. Entrevista concedida ao *Diário do Nordeste*. <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=414001>. Acesso em 30/03/2011. ²REALE, Miguel. Entrevista concedida ao *Jornal da USP*. <http://espacoculturalmigueldereale.blogspot.com/2007/08/entrevista-concedida-pelo-prof-reale-ao.html>. Acesso em 30/03/2011. ³KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *O signo de sagitário*. São Paulo: Edições GRD, 1990, p. 92. ⁴DONATO, Hernâni. *Ouvindo “orelhas”*. In DOREA, Gumercindo Rocha. *Ora, direis... Ouvir “orelhas” que falam de livros, homens e ideias*. São Paulo: Edições GRD, 2002, p. XIII. ⁵OLINTO, Antônio, apud DONATO, Hernâni. *Ouvindo “orelhas”*. In DOREA, Gumercindo Rocha. *Ora, direis... Ouvir “orelhas” que falam de livros, homens e ideias*, cit., p. XIV.

Victor Emanuel Vilela Barbuy é acadêmico de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, mestrando em História do Direito na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares - Digitação

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

Iacyr Anderson de Freitas –Viavária

Magaly Trindade Gonçalves
Zélia Thomaz de Aquino
Zina C. Bellodi

IACYR ANDERSON FREITAS nasceu em Patrocínio do Muriaé, Minas Gerais, em 22/09/1963. É autor de, entre outros, *Primeiro livro de chuvas* (1991) e *Lázaro* (1995), além do ensaio Heidegger e a origem da obra de arte (1993). Os poemas acima foram retirados de *Messe* (1995).

Publicou, entre outros, *Oceano coligido* (antologia poética). São Paulo: Viramundo, 2000; *Dançar o nome* (em co-autoria com Edimilson Pereira e Fernando Fiorese, contendo CD com leitura dos poemas). Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2000; *A soleira e o século*. São Paulo: Nankin/ Funalfa Edições, 2002; *Terra além mar* (antologia poética). *Cascais* (Portugal): Ardósia Assoc. Cult., 2005; *Quaradouro*. São Paulo: Nankin/ Funalfa Edições, 2007; *O cavalo alado e outros poemas*. Juiz de Fora: Mary e Eliardo França Editores/ Zit Editores, 2004 – em co-autoria com Leo Cunha e Elias José. (infantil)

Participa de inúmeras antologias: *Antologia da nova poesia brasileira* (Org. Olga Savary). Rio de Janeiro: *Hipocampo*, 1992; *Anto* (número 3, especialmente dedicado ao Brasil); *Amarante* (Portugal): Edições do Tâmega, 1998; *Reflexos da poesia contemporânea do Brasil, França, Itália e Portugal* (Org. e trad. para o francês por Jean-Paul Mestas). Lisboa: Universitária Editora, 2000; *Ricerca research recherche*. Lecce (Itália): Dipartimento di Lingue e Letterature Straniere - Università degli Studi di Lecce, nº 4, 1998; *Antologia comentada da literatura brasileira: poesia e prosa* (Org. Magaly T. Gonçalves, Zélia T. de Aquino e Zina Bellodi). Petrópolis: Vozes, 2006.

Recebeu inúmeros prêmios.

Um dos traços marcantes da poesia de Iacyr Anderson de Freitas é a opção clara pela expressão livre e simples, mesmo ao falar de fatos intensivamente dramáticos. A desenvoltura com que o texto se apresenta sugere algo que, de tão natural, já parece pronta, como beleza espontânea. Por trás dessa beleza, evidentemente, está escondido o trabalho precioso de um verdadeiro poeta. Em geral o que chama atenção é uma simplicidade que não se confunde com o primarismo.

Dentre os poemas voltados para a escravidão poderíamos citar “A liberdade possível” (p.40). Pois é aqui que mais aflora essa característica, já mencionada, de uma forma aparentemente simples, escavada verso a verso, que está longe de uma simplicidade lúdica. Pelo contrário, é um poema carregado de emoção.

Em outras ocasiões (“Fala de Domingos Jorge Velho” – p.44) a poesia caminha para uma vertente dramática (1ª e 2ª estrofes) para depois (3ª estrofe) partir para uma certa ligeireza.

Em “O poeta louva sua escrivinha” (p. 55), há, a princípio, a impressão de que o móvel sobre o qual ele escreveu guarda tudo o que registrou e tudo o que leu. A impressão de leitura intensa fica bem clara na 2ª estrofe, pois aí está o que sobrou de uma vida marcada pela escritura. Toda esta dúvida se exprime como indagação, uma questão que se repetirá nas duas próximas estrofes. Numa ele sente que misteriosamente o real a ele se entrega como linguagem. Como encarar a mágica silenciosa que, na escrivinha, torna-se expressão que se esforça por entregar-se em palavras? A imagem da escrivinha não traz à tona apenas os escritos sobre ela colocados, mas também o longo tempo decorrido em tal produção.

Em “O poeta volta ao Recife” (p.62), exprime-se o paradoxo pelo qual tudo na cidade continua como nos tempos de infância. Supõe-se então que nesse tudo exista a totalidade das impressões com um aspecto da infância. Fora desses conteúdos que pertencem à rememoração, tudo o mais se foi. Pois o “resto” que “está perdido” não preserva no espírito do poeta suas cores primárias, aquelas que o tempo apagou.

Muito mais restaria a ser dito sobre estes poemas de *Viavária*. Ten-



Iacyr Anderson de Freitas

Divulgação

tando-se focalizar o que é marcante nesta produção temos de afirmar a beleza que brota dos versos, mesmo quando são aparentemente menos sérios. Outros apresentam uma linguagem mais difícil, sem contudo cair no hermetismo. O que importa é que todos eles de nós se aproximam e, sem que o percebamos, dominam nossa imaginação mesmo quando relatam traços misteriosos da realidade, além de alguns momentos em que o autor é deliberadamente próximo da obscuridade. Este é um traço de sua modernidade.

Os poemas e ensaios de Iacyr Anderson de Freitas fazem dele já um autor importante no país. Observe-se que desde 1982 ele já é autor de 15 livros publicados só de poesia.

Recebeu prêmios literários no Brasil e no exterior e textos seus são publicados em vários idiomas.

Marca sua obra o traço de melancolia que faz lembrar Drummond. Esta, em certos escritos seus, é essencial.

Magaly Trindade Gonçalves, Zélia Thomaz de Aquino e Zina C. Bellodi são escritoras, professoras e críticas literárias.

BRANDO

Djalma Allegro

Quero morrer na calma
do Bolero de Ravel.
Em minha alma
desenrolando
a linha lenta
de um solto carretel...

Cumprindo-se a vida mansa
sem lampejo, nem pujança
nas notas de tons suaves
do vôo meigo das aves
... e a glória finda
do esperado esquife

Brando

como o timbre de Ray Conniff

Djalma Allegro é escritor, poeta, jornalista, ator e advogado.

EMIGRADOS

Emanuel Medeiros Vieira

Emigrados:
seremos sempre,
emigrados.

Em busca de outro mar,
da última ilha,
seguindo os pássaros,
atrás do último pássaro.

De um mar a outro,
de uma ilha à outra ilha,
e, então, dormiremos,
uma noite sucedendo-se à outra.

Emanuel Medeiros Vieira é escritor, poeta, advogado e jornalista.

HAICAI

Andreia Donadon Leal

Intrigante lua
amarela como um sol.
Queimadas de agosto.

Andreia Donadon Leal é contista, ensaísta, cronista e artista plástica.

LIVRARIA BRANDÃO



Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

**Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.lbusedbookshop.com.br**

AS ÁGUAS DO QUE VERÃO

Jorge Tufic

Não sei com que voz, muito menos com que letra, tornar-me solidário ao grito coletivo daqueles que sucumbiram nas catástrofes da região serrana do Rio de Janeiro, para falar apenas nesta, tudo unicamente por culpa do próprio Governo, que nas circunstâncias atuais deixa de merecer este nome, para equiparar-se à ralé dos mais desprezíveis políticos deste País. Repugna também ao mais insensato admitir, neste caso, que o Brasil já não tenha passado, desde a morte de Getúlio Vargas, às mãos hediondas de meros politiquieiros, ladrões e sacripantas. A consciência anestesiada de milhares apenas ocupados com esporte, Carnaval, tóxico e outras variadas diversões alienadoras, impediram de ver e gravar para sempre estas imagens que fizeram a nossa angústia e a nossa desesperança num futuro melhor. Estavam eles, nesse mesmo dia e nessa mesma hora, amontoados nas ruas para receber um jogador que vinha de fora, ao ace-

no contratual de um time de futebol. Os demais brasis, de igual modo, cuidavam de si e de suas miudezas, enquanto as televisões anunciavam, naquele crescendo vocal que alterna com as imagens dramáticas de resgates nem sempre bem sucedidos, a maior tragédia "natural" já ocorrida em nossa ex-Capital da República. Pois esta não foi, nem é, uma tragédia natural. A ocupação das encostas têm muito a ver com milhares de outras ocupações, quer nas serras, quer nas grandes cidades, periferias urbanas, florestas e rios, estes, poderes, aquelas, agonizantes. A tragédia é global, embora, algumas vezes, silenciosa.

Uma lágrima é pouco, mas suaviza o caudal das chuvas, enquanto o sorriso é maior ou menor, se temos que assistir ao salvamento de uns, e, às vezes, ao inexplicável e tormentoso destino de tantos outros.

Jorge Tufic é escritor, poeta e membro do Clube da Madrugada e da Academia Amazonense de Letras.

Notícias de Piracicaba

Marly Therezinha Germano Percin, historiadora, e a bióloga **Valdiza Maria Capranico** lançaram a coleção educativa *Piracicaba Conhece e Preserva*.

Sarau Literário Piracicabano, coordenado por Ana Marly de Oliveira Jacobino, que é realizado mensalmente no Teatro Municipal Dr. Losso Netto, em virtude do temporal que assolou Piracicaba, não pode ser realizado. O evento foi transferido para o dia 19 de agosto, terça-feira, das 19h30 às 21h30.

O Sarau Literário Piracicabano, coordenado por Ana Marly de Oliveira Jacobino, será realizado no dia 17 de Maio, terça-feira, das 19h30 às 21h30, no Teatro Municipal Dr. Losso Netto. O evento contará com a participação da Jovem Guarda e de Carlos e Suzana Furlan - músicos do Sarau.

O Grupo Oficina Literária de Piracicaba realizará reunião no dia 9 de maio na Biblioteca Municipal Ricardo Ferraz de Arruda Pinto.

Leda Coletti lançou *Eu, Educadora*. A obra, de cunho memorialista, é um instrumento de conhecimento para cada um sem discriminação, pois mesmo não estando literalmente em sala de aula é necessário interagir com a "educação" no cotidiano!"

O Cafezinho Literário realizou a primeira reunião do ano no dia 2 de abril, na Casa do Médico. <http://golp-piracicaba.blogspot.com/2011/03/cafezinho-literario-convite.html>

Alcione Zhanini autogravou os livros *De Quimera à Lucidez*, *Versos e Reversos* e *Buscas e Encontros*, no encontro de escritores realizado na Biblioteca Municipal Paul Harris.

André Bueno de Oliveira, membro da Academia Piracicabana de Letras, lançou *Herança de Poeta*, pela Editora Equilíbrio. O prefácio é Ivana Maria França de Negri.



Marly Therezinha Germano Percin

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64
São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

LINGUAGEM VIVA

www.linguagemviva.com.br



Edição impressa
on line

(11) 2693-0392 - 7358-6255

Linguagemviva@linguagemviva.com.br

Consulte nossa tabela de preços

Busca

Caio Porfírio Carneiro

Da ponta da calçada vi, lá no alto, na rua deserta, íngreme e suja, o vulto de costas, em pé, parado. Vontade de vê-lo de perto. Chamamento estranho. E lá fui, ruela acima, escorregando. Cheguei. Ao vê-lo de frente senti um toque de quem passava apressado.

- Falando sozinho?

Ali estava eu. Apenas eu, dirigindo-me a mim mesmo. Desalentado, voltei aos escorregões e cheguei estafado ao ponto de partida. Sentei-me no meio-fio, friccionei as pernas, e vi que outras pernas acomodavam-se ao lado. Sujas, sapatos cambaios. Não se manifestaram. Ali ficaram. Mais pernas juntaram-se a estas: gordas, magras, morenas etc...

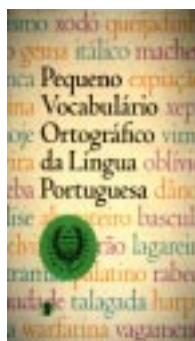
Concentrei-me no meu silêncio, e as pernas vizinhas, talvez decepcionadas, foram saindo, as últimas as que primeiro chegaram, sujas, sapatos cambaios.

Vi então em frente o rosto feminino, olhando por trás do caixilho da janela. Levantei-me e ficamos nos fitando longamente. Veio a noite e o caixilho, no ruído seco, eclipsou-a.

Respingos de chuva. Abraçei-me. Olhei em torno. Convençei-me de que nada me restara. O caixilho, em frente, no seu silêncio, dava-me consciência disto, apagando-me a figura doída que surgira e me ficara gravada no passado.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, contista, romancista, crítico literário e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Lançamentos & Livros



Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, Global Editora, São Paulo, 440 páginas, R\$ 25,00. A obra é uma versão mais sintetizada do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa - VOLP*, que abriga 946 termos de palavras estrangeiras, 335 entradas entre siglas e abreviaturas e reúne 61.451 itens vocabulares grafados segundo a norma ortográfica vigente do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editora Global: www.globoeditora.com.br

A Porto-Riquenha Dentuça e Horrorosa, crônicas de Armando Alexandre dos Santos, Equilíbrio Editora, Piracicaba, 120 páginas. A arte da capa é de Genival Cardoso. O autor é escritor, editor, jornalista, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, diretor de publicações do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e vice-presidente da Academia Piracicabana de Letras. Segundo Hernâni Donato, no prefácio da obra: "É que um dos talentos cultivados pelo autor sai precisamente da qualidade, privilégio dos bons cronistas, de atar o leitor ao texto por meio do fio da leitura interessada."

Equilíbrio Editora: www.equilibrioeditora.com.br



Do D. Manuel ao Lula - Através da poeisa, uma diferente história do Brasil, poemas de Edson Freire, Casa do Novo Autor Editora, São Paulo, 112 páginas. Com criatividade poética, o autor trabalha as redondilhas com métrica e rima de uma forma diferente de narrar acontecimentos da nossa história, desde o descobrimento do Brasil até o começo do século XXI. Segundo José Augusto Dias, Doutor em Educação pela USP: "Ler este livro é fazer um curso de reciclagem em História do Brasil, explicada por um poeta."

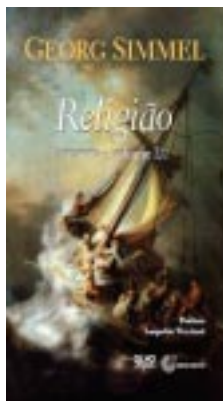
Edson Freire: itaicifreire@uol.com.br



Religião, ensaios de Georg Simmel, Editora Olho d'Água, São Paulo, volume 2, 104 páginas, R\$ 35,00. O prefácio é de Leopoldo Waizbord. O autor nasceu em Berlim (1858-1918). No ambiente brasileiro, Gilberto Freyre retoma com originalidade o pensamento de Georg Simmel, principalmente no que se refere à temática indivíduo e sociedade e à questão da subjetividade.

Em tradução direta do alemão, a Editora Olho d'Água reúne em dois volumes alguns ensaios de Simmel sobre a religião.

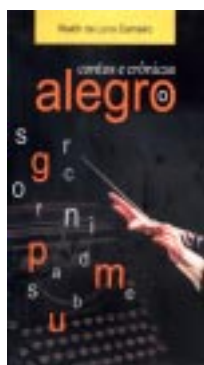
Editora Olho d'Água: www.olhodagua.com.br



Alegro, contos e crônicas de Waldir Luna Carneiro, Scortecci Editora, São Paulo, 100 páginas. O autor é escritor, teatrólogo, contista e cronista. Também escreve para teatro com os pseudônimos Jacques Pires, Copélius, Sganarelo e Rodrigo Cambará.

A obra reúne contos e crônicas. Algumas foram selecionadas das 400 crônicas que foram publicadas em jornais e revistas.

Scortecci Editora: www.scortecci.com.br



Concursos

Prêmio LeYa 2011, promovido pela LeYa de Portugal, destinado a romances inéditos, está com inscrições abertas até o dia 31 de maio. Os originais deverão ser enviados em duas cópias, em papel no formato A4, acompanhadas de uma gravação em CD ou pendrive. É obrigatório o uso de pseudônimo. **Premiação:** 100.000 (cem mil) euros e edição da obra pela LeYa. **Regulamento:** <http://www.leya.com/gca/?id=185>. **Informações:** premioleya@leya.com.

Prêmio VivaLeitura 2011, promovido pela Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura e ministérios da Cultura e da Educação, com execução e patrocínio da Fundação Santillana, está com inscrições abertas até o dia 20 de julho. É destinado a iniciativas de fomento à leitura no Brasil. A sexta edição também aceitará projetos realizados em ambiente virtual. Informações e inscrições através do site www.premiovivaleitura.org.br.

Prêmio Jabuti, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, está com inscrições abertas até o dia 31 de maio. Podem concorrer obras inéditas, editadas no Brasil, entre 1 de janeiro e 31 de dezembro de 2010. A 53ª edição tem 29 categorias e premiará apenas um livro por categoria. A participação é aberta a editores, escritores, autores independentes, tradutores, ilustradores, produtores gráficos e designers. **Premiação:** Troféu Jabuti e R\$ 3 mil reais para o primeiro classificado de cada categoria. Para o Livro do Ano de Ficção e Livro do Ano de Não-Ficção, o prêmio será de R\$ 30 mil. **Regulamento:** www.premiojabuti.org.br.

Concurso Poemas no Ônibus e no Trem/Edição 2011, promovido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, através da Secretaria Municipal da Cultura e da Empresa Pública de Transporte e Circulação, em parceria com a Companhia Carris Porto-Alegresense, Associação dos Transportadores de Passageiros e Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre/SA -Trensurb, está com inscrições abertas até o dia 13 de maio. Os interessados poderão inscrever um poema inédito, em 6 vias digitadas, de no máximo 14 versos, em Língua Portuguesa. **Premiação:** Os 50 poemas selecionados serão veiculados nos ônibus de Porto Alegre e trens da Trensurb, e a edição de uma antologia que será lançada na Feira do Livro de Porto Alegre. **Informações:** www.portoalegre.rs.gov.br/smc-poemasonibus@smc.prefpoa.com.br Tel.: (51) 3289-8074.

Concurso de Ensaio - Prêmio de Ensaísmo Serrote, promovido pelo Instituto Moreira Salles, está com inscrições abertas até o dia 30 de julho. Podem concorrer autores de expressão em língua portuguesa, inéditos em livro ou que tenham, no máximo, uma obra publicada. Os textos, de até 30 mil caracteres, devem ser inteiramente inéditos até o anúncio do resultado, nas áreas de interesse do Instituto Moreira Salles: artes visuais, cinema, fotografia, literatura e música. **Premiação:** Os três primeiros colocados receberão prêmios em dinheiro de, respectivamente, R\$ 5 mil, R\$ 3 mil e R\$ 2 mil. Os trabalhos serão publicados na revista *Serrote*. **Informações:** (11) 3371-4409. http://ims.uol.com.br/Premio_serrote_de_ensaio/D656



Restaurante Vegetariano

Rua Dom José de Barros, 99 - Centro
(Esq. C/ Barão de Itapetininga) - São Paulo

www.apfel.com.br Tel.: (11) 3256-7909

Notícias



Divulgação
Maria de Loudes Utsch Moreira

Maria de Loudes Utsch Moreira, professora, ensaísta, crítica literária e bacharel em Sociologia pela UFMG, faleceu no dia 18 de fevereiro, em Belo Horizonte (MG), vítima de um choque refratário e infecção hospitalar. Maria de Lourdes nasceu em Rio Vermelho (MG), no dia 26 de dezembro de 1933. Colaborou em jornais e revistas de Portugal e Brasil. Foi agraciada com o 6º Prêmio Esso/JL de Literatura - "O Barroco na Obra de Lúcio Cardoso", com o Prêmio M. Cavalcanti Proença - "Lúcio Cardoso: a Luta entre o Pecado e a Redenção", com o Prêmio BDMG - Cultural de Literatura - 1992, em segundo lugar, com "A Poesia de Alexandre Herculano".

VI Feira Nacional do Livro de Poços de Caldas - Flipoços será realizada de 30 de abril a 8 de maio, na Praça Getúlio Vargas, s/nº - Centro. A Scortecci Editora programou inúmeros lançamentos em seu estande.

O Brasil foi convidado e será o país de honra da Feira do Livro de Bolonha de 2014.

Regina Beatriz Tavares da Silva lançou *A Emenda Constitucional do Divórcio*, pela Editora Saraiva, com promoção da União Brasileira dos Escritores da Paraíba e da Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba.

Regina Célia da Silva Costa lançou *Marechal Deodoro, a rua do Imperador*, pela Editora Nitpress. A obra revela aspectos curiosos, relatos e descrições sobre o palacete da Praia Grande, a primeira Escola Normal do Brasil, as velhas barcas Rio-Niterói, os bondes, os cinematógrafos, o Café Paris e seus boêmios famosos.

A Associação Nacional de Escritores - ANE, no dia 13 de abril, elegeu nova Diretoria e Conselho: Presidente - José Peixoto Júnior; 1º Vice - José Carlos Brandi Aleixo; 2º Vice - Fontes de Alencar; Secretário-Geral - Fábio de Sousa Coutinho; 1º Secretário - Rosângela Vieira Rocha; 2º Secretário - Kori Bolívia; 1º Tesoureiro - Luiz Carlos de Oliveira Siqueira; 2º Tesoureiro - José Maria Leitão; Diretor de Biblioteca - Terezy Godoi; Diretor de Cursos - Paulo da Mata-Machado Júnior; Diretor de Divulgação - Jacinto Guerra; Diretor de Edições - Afonso Ligório. Conselheiros: Alan Viggiano, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Jerônimo Rivera, José Santiado Naud, Napoleão Valadares, Romeu Jobim.

O Fanzine Episódio Cultural, editado por Carlos Roberto de Souza, publicação bimestral sem fins lucrativos, distribuído na região sul de Minas Gerais, em São Paulo, Belo Horizonte e Salvador, seleciona artigos, poemas, contos que não ultrapasse 1 folha inteira no word, fonte Times Roman, corpo 12. Os interessados deverão enviar os textos, acompanhados de foto e breve curriculum para o e-mail machadocultural@gmail.com.

A Academia Campineira de Letras, presidida por Agostinho Tóffoli Tavolaro, realizará sessão solene, em comemoração aos 54 anos de fundação, no dia 26 de abril, às 20 horas, Av Marechal Deodoro, 525, em Campinas. O evento contará com o apoio da Academia Campineira de Letras, Ciências e Artes das Forças Armadas.

Sérgio Gerônimo e Mozart Carvalho foram convidados pela professora Ines Shaw para proferirem uma palestra na Nassau Community College/State University of New York, nos dias 26 e 27 de abril. No dia 28 de abril apresentará performance poética na UBE - Nova Iorque.

A Associação Brasileira de Imprensa e a Editora José Olympio homenagearam o escritor João Felício dos Santos pelo centenário de seu nascimento.

A Biblioteca Pública Arthur Vianna, com um acervo de 750 mil volumes entre periódicos e obras raras da literatura paraense, completou 140 anos no dia 25 de março.

Hélio Neri lançou *Palavra Insubordinada*, pela Alpharrabio Edições, no dia 4 de abril, na Livraria Alpharrabio, em Santo André.

Oleg Almeida, que traduziu *Os cantos de Bilitis*, de Pierre Louÿs, livro lançado pela Editora Ibis Libris, disponibiliza fragmentos da tradução no site www.olegalmeida.com.

Contos de Hans Christian Andersen, traduzidos por Silva Duarte, foi lançado pelas Edições Paulinas no Brasil. A obra reúne 80 contos que foram selecionados por Nelly Novaes Coelho.

O País do carnaval, primeiro romance de Jorge Amado lançado em 1931, foi relançado pela Companhia das Letras.



caricatura de Xavier

Xavier - Xavi, artista plástico, caricaturista e colaborador da *Linguagem Viva*, foi agraciado em primeiro lugar no Salão Nacional de Humor de Cerquillo com a caricatura Jogadora Marta, intitulada *Marta, a melhor do mundo!*. A décima edição do prêmio contou com autores inscritos do Brasil e de outros países. www.xavi.com.br

Dez Contos do Além-Mar, dos autores portugueses Teófilo Braga e Adolfo Coelho, foi lançado pela Editora Peirópolis. O livro foi organizado por Ana Carolina Carvalho e as ilustrações são de Taisa Borges.

O Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado de Pernambuco lançou a coletânea com os poemas classificados no 2º Concurso Nacional de Poesia.

Marzo Sette Torres tomará posse na ALB-Mariana para ocupar a cadeira nº 21 - Patrono: Zoroastro Torres, no dia 16 de maio, às 16 horas, no auditório do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFOP/Mariana.

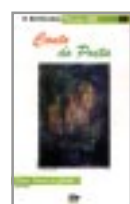
Débora Novaes de Castro

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL



Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



Opções de compra: Livraria virtual **TodaCultura:** www.todacultura.com.br
via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:
Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.